

Universidade Federal de Ouro Preto
Instituto de Ciências Humanas e Sociais

Memorial de Formação

Jamilis da Silva Santos

Mariana

2023

Jamilis da Silva Santos

MEMORIAL DE FORMAÇÃO

Trabalho de conclusão de curso apresentado a Disciplina EDU171- Seminário VII: conclusão de curso, de licenciatura em pedagogia do Departamento de Educação da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito institucional para obtenção de título de licenciada em pedagogia.

Orientador (a): Prof^a Dr^a. Paula Cristina de Almeida Rodrigues.

Prof. Dr. Erisvaldo Pereira dos Santos

Mariana

2023

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

S237m Santos, Jamilis Da Silva.
Memorial de formação. [manuscrito] / Jamilis Da Silva Santos. - 2023.
24 f.

Orientadora: Profa. Dra. Paula Cristina de Almeida Rodrigues.
Monografia (Licenciatura). Universidade Federal de Ouro Preto.
Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Graduação em Pedagogia .

1. Educação. 2. Formação. 3. Trajetória de vida. I. Rodrigues, Paula
Cristina de Almeida. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 37

Bibliotecário(a) Responsável: Iury de Souza Batista - CRB6/3841



FOLHA DE APROVAÇÃO

Jamilis da Silva Santos

Memorial de Formação

Monografia apresentada ao Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia

Aprovada em 31 de março de 2023

Membros da banca

Doutora em Educação - Paula Cristina de Almeida Rodrigues - Orientador(a) (Universidade Federal de Ouro Preto)
Doutor em Educação - Erisvaldo Pereira dos Santos - (Universidade Federal de Ouro Preto)

Paula Cristina de Almeida Rodrigues, orientador do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 13/06/2023



Documento assinado eletronicamente por **Paula Cristina de Almeida Rodrigues, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 13/06/2023, às 09:04, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0539852** e o código CRC **COCD8E84**.

Sumário

1	INTRODUÇÃO	5
2.	EDUCAÇÃO INFANTIL	7
2.1.	Primeira formatura	7
3	ENSINO FUNDAMENTAL	8
3.1.	Um professor a parte	9
3.2.	Fundamental II	11
4.	ENSINO MÉDIO	13
5.	ENSINO SUPERIOR	15
5.1.	Curso de licenciatura em pedagogia: algumas experiências e estágios	17
6.	UM RELATO A PARTE	21
7.	CONCLUSÃO	22
8.	REFERÊNCIAS	24

Dedico primeiramente a Deus pelo dom da vida e a toda a minha família. Aos meus tios, Carlos Lacerda e Maria do Carmo que me ajudaram durante o percurso na Universidade. Em especial ao meu marido Juliano Dias, que sempre esteve ao meu lado, me apoiando e também a minha amiga Juscimara Honorato, que por diversas vezes iluminou o meu caminho.

1. Introdução

Este trabalho trata-se de um memorial da minha trajetória educacional. Está organizado cronologicamente, de acordo com as etapas de ensino. Os tópicos são apresentados da seguinte forma: educação infantil; ensino fundamental; ensino médio e ensino superior. Este trabalho foi proposto pela Profa. Dra. Célia Maria Fernandes Nunes, na disciplina de “Profissão, Formação e Prática Docente”, e tornou-se um trabalho significativo de resgate de memória sobre a minha formação na educação básica e no ensino superior.

Meu objetivo ao apresentar este texto como Trabalho de Conclusão de Curso é, a partir de narrativas pessoais, aprofundar as reflexões, além de ao longo do texto contextualizar as situações descritas com alguns referenciais teóricos que fazem parte da minha formação.

O meu percurso na educação foi permeado por mudanças, pois meu pai sempre trabalhou com vendas e devido a isso mudávamos de cidade com frequência. Dentro desse contexto de mudanças aconteceu o início do meu percurso na educação.

Meu pai, Manoel Messias, nasceu em uma cidade do estado de Sergipe chamada Capela, e atualmente tem 55 anos de idade. O nome da minha mãe é Edinalva, natural da cidade de Itabaiana, atualmente tem 45 anos de idade. Eu sou a terceira filha. Os meus irmãos são: Felipe, natural de Capela, Jemima, natural de Itabaiana, Joyce, natural de Frei Paulo e Joabe, natural de Macambira, todas cidades do Estado de Sergipe. Assim como minha mãe, sou natural de Itabaiana, uma cidade que se localiza no Estado de Sergipe.

Neste memorial, apresento a minha trajetória educacional começando os relatos pela minha entrada na educação infantil, com destaque para a minha primeira formatura, apresento minha experiência no ensino fundamental e ensino médio, encerrando com a chegada ao ensino superior. No texto, destaco alguns professores que marcaram minha trajetória na educação, narro, por exemplo

como dois professores marcaram positivamente e, também, negativamente o meu percurso educacional. Destaco como um deles influenciou, posteriormente, a minha escolha por ingressar no curso de Pedagogia da Universidade Federal de Ouro Preto.

A educação infantil e a passagem pelo ensino fundamental I e II aconteceram em algumas cidades do estado de Sergipe, dentre elas estão: Itabaiana, com 96.839 habitantes, conforme censo de 2021, localizada a 54 km da capital Aracaju. Além de Macambira, com 7.002 habitantes de acordo com o censo do IBGE/2021. O término do ensino fundamental II e o ingresso no ensino médio aconteceu em Saloá, uma cidade localizada no estado de Pernambuco. Porém, concluí o terceiro ano do ensino médio em Macambira.

A entrada no ensino superior aconteceu com a minha mudança para Minas Gerais, onde passei a morar com os meus tios, no ano de 2017. A adentrada na universidade foi um percurso turbulento, com dificuldades de permanência. Devido a problemas com o transporte, acabei trancando o terceiro período, retomando no semestre seguinte.

Durante o curso fui me encontrando e me identificando com algumas áreas. No início meu interesse foi por políticas educacionais, tendo como professor o Dr. Marcelo Donizete da Silva, e posteriormente meu interesse mudou para as discussões da área da Psicologia da Educação, Educação Inclusiva e Necessidades Educacionais Especiais.

Segundo Sousa e Cabral (2015), "a narrativa está diretamente relacionada ao contexto social, histórico, econômico, político e educativo. Faz parte da história da humanidade e deve-se considerar o seu contexto". [...] "Destacando a rememoração como o ato de resgate de memórias e reconstrução de histórias de vida tanto socialmente quanto individualmente" (SOUSA E CABRAL, 2015, P.150). Sendo assim, este trabalho está comprometido com o resgate da minha trajetória educacional, que sou uma pedagoga em formação.

2. Educação infantil

O primeiro contato com a educação foi na creche, no ano de 1999, com apenas dois anos, na cidade de Frei Paulo- SE. Minha mãe sempre foi dona de casa, mas na época minha irmã mais nova tinha nascido e ela não estava conseguindo realizar as suas atividades e cuidar de duas crianças ao mesmo tempo, então resolveram me colocar na creche.

As memórias dos momentos na creche são bem fragmentadas. Um fato que ficou gravado na lembrança é, como se organizava o espaço da sala: com mesinhas coloridas, lápis para colorir e folhas de desenho. Mas, desse tempo, não lembro do rosto dos colegas e muito menos o da professora. O primeiro dia de creche foi desagradável. Era um dia de chuva e estava sendo levada para a instituição. Aquele ambiente pareceu bem estranho e por não me adaptar fiquei em um constante estado de choro.

Na época, as creches tinham uma perspectiva mais assistencialista. O governo construía esses espaços para as mães deixarem os seus filhos e saírem para trabalhar. De acordo com Oliveira e Miguel (2012),” nesta época, o caráter das creches era assistencialista, ou seja, voltado aos aspectos da higiene, cuidados físicos e alimentação, pois ainda não se cogitava em ações educativas”(OLIVEIRA E MIGUEL, 2012, p. 3)

Outra lembrança que marcou esse período foi a dos colegas de classe deitados no chão dormindo. Porém, não fiquei muito tempo na instituição, pois não me adaptei. No ano seguinte, acabei conseguindo uma vaga em uma escola que só possuía uma turma de crianças menores. Na escola, eram desenvolvidas atividades com letras e números. E as salas comportavam mesas e cadeiras pequenas e redondas: normalmente com 4 a 5 crianças. E foi durante esse período, nessa escola, que participei do primeiro desfile cívico de 7 de setembro.

2.1. Primeira formatura

A primeira formatura aconteceu na Educação Infantil e recebia o nome de formatura do ABC. Nesse período, ano de 2003, morávamos na cidade de

Campo do Brito-SE. Essa fase, era considerada a preparatória para o ingresso no primeiro ano do ensino fundamental. Gostei muito da escola, da professora e dos meus colegas. Amava a contação de história e o contato com os livros e os trabalhos de arte com tinta. Nessa fase eram feitas várias atividades com o propósito de alfabetização. Foi lá que aprendi a escrever meu nome e comecei a explorar o mundo das sílabas e os sons, da construção da palavra e dos números.

Segundo Reis (2022), “a educação Infantil tem papel fundamental na formação humana que se expressa no objetivo de promover o desenvolvimento integral da criança, nos aspectos: físico, psicológico, intelectual e social”. (REIS, 2022, P. 23)

Dando continuidade à lembrança, a professora que mais marcou nessa etapa de ensino da educação Infantil foi a Patrícia, todos os alunos a chamavam de tia. Devido à idade na qual nos encontrávamos, a relação professor/aluno se dava através de um vínculo afetivo mais forte e mais próximo. De acordo com Mello e Rubio, para Jean Piaget, (1995) “o desenvolvimento intelectual é considerado como tendo dois componentes: o cognitivo e o afetivo” que são inseparáveis, pois toda ação e pensamento comportam um aspecto cognitivo e um aspecto afetivo” (MELLO E RUBIO, 2013, p. 3). Nesse sentido, pontua-se a importância de se construir um vínculo afetivo para dar condições para que o processo de ensino e aprendizagem aconteça de forma efetiva.

3. Ensino fundamental

O início do ensino fundamental aconteceu em um momento de mais uma mudança de cidade. Ressalto que, essas mudanças constantes causaram vários prejuízos para a minha formação. Às vezes, as mudanças aconteciam no meio do ano, quando eu já estava acostumada com uma turma, um ritmo de aprendizagem, acabava mudando para um local desconhecido, com pessoas diferentes, professores e escolas com propostas pedagógicas distintas.

As fases de adaptação sempre foram dolorosas para mim. Quando eu já estava me acostumando com a turma e os professores, acabava tendo que ir

embora, tendo que deixar os meus amigos e as professoras que eu gostava. Esses acontecimentos contribuíram para uma dificuldade pessoal de se relacionar com as pessoas. E posteriormente um receio de criar um vínculo de amizade no qual eu fosse sair machucada por ter que ir embora.

3.1. Um professor a parte

O meu ensino fundamental I foi cursado na cidade de Macambira-SE, tendo início em 2004. Nesse período enfrentei vários desafios de aprendizado. Foram muitas conquistas e diversos momentos prazerosos de consolidação do saber. Durante o percurso escolar passamos por diversos professores que deixam marcas positivas e negativas, ou as duas coisas ao mesmo tempo. Como a maioria, tenho professores que me deixaram lembranças ruins e lembranças boas.

Duas professoras no ensino fundamental marcaram o meu percurso pela educação de forma negativa. A professora do segundo ano do ensino fundamental: que costumava apertar e chacoalhar as crianças quando não conseguiam realizar as atividades propostas. Lembro claramente do seu rosto, e seu cabelo curto e preto. Além disso, também tinha os beliscos que a gente ganhava no braço.

Também gostaria de relatar minha experiência com a professora do 3º ano do ensino fundamental, que era extremamente católica e não gostava de mim por ser evangélica. Na época os meus colegas ficavam rindo porque eu era a única na sala que não usava calça e sempre estava de saia. Escutava algumas zombarias a respeito da minha religião e um dia meu colega me empurrou, e gritou que eu teria sete anos de azar, e ao fazer a reclamação do empurrão, a professora disse a seguinte frase: “você não é crente? Não deveria acreditar nessas coisas”.

Na época do acontecido eu não entendia muito bem. Eu sei que estava no meio de algo bem maior que eu, de uma discussão que ainda não compreendia, mas que a professora não soube separar a minha condição enquanto criança, e me colocou junto a sua aversão aos evangélicos. Hoje, eu

ainda permaneço com a minha fé, mas reconheço erros e acertos que muitos cometem em defesa de uma religiosidade.

O professor José Santana, do 4º ano, marcou positivamente a minha passagem pelo ensino fundamental. Durante esse ano eu tive muitos problemas de saúde e costumava me ausentar da escola. Nesse período fiquei com muitas dificuldades em aprender os conteúdos. O ano letivo já estava caminhando para o término e existiam algumas aprendizagens essenciais, sem as quais eu não poderia passar para o próximo ano.

Na época, o professor chamou meus pais na escola, e no dia ele fez uma pequena reunião para explicar a minha situação. Nós conversamos e ele falou que eu precisava me esforçar o dobro para conseguir acompanhar os meus colegas, mas que eu podia contar com ele para ajudar. Então, ficou combinado que além das minhas atividades na escola, eu iria até a sua casa para ter aulas extras e assim conseguir alcançar os meus objetivos de aprendizado. A casa do professor ficava bem próxima da escola, e depois desse dia minha mãe passou a me levar até lá para eu ter um acompanhamento exclusivo. Fiquei com essas atividades extras até as últimas provas do ano, e com a ajuda do professor, que se dispôs e de forma gratuita me ajudou, eu consegui aprender e ser aprovada.

Fazendo essa reflexão percebe-se como de fato o professor pode fazer a diferença na vida dos seus alunos e, me leva a pensar sobre que profissional eu quero ser.

Fazendo as devidas ponderações, considero que se eu estou aqui, em partes, foi por sua ajuda, pois ele me motivou a me dedicar mais e se tornou meu grande incentivo. Pude ver nele, alguém que acreditava no meu potencial, que dispôs do seu tempo para me ajudar e que não cobrou absolutamente nenhum valor. No final do ano, meus pais compraram um presente e agradeceram pelo esforço feito para me ajudar.

Atualmente, todas as vezes que retorno a cidade, que nos encontramos, ele fala sobre o presente que ganhou. Em 2018, quando fui visitar a minha família, eu estava no ônibus, e mesmo com muito tempo que não nos víamos, ele me reconheceu e disse que ainda sentia o cheiro do perfume que ele ganhou

aquele dia. Disse isso com um imenso sorriso e eu pensei que ele realmente marcou a minha história e conseguiu estar presente no meu futuro, pois a minha escolha profissional, em partes, foi devido ao seu empenho em não desistir e ir além dos seus deveres enquanto profissional, e com certeza ele fez a diferença.

3.2. Fundamental II

O ensino fundamental foi dividido em duas partes. Uma boa parte foi cursada na cidade de Macambira-SE, mas a conclusão dessa etapa aconteceu no município de Saloá, cidade interiorana do estado de Pernambuco.

A chegada ao ensino fundamental II foi um pouco assustadora e empolgante ao mesmo tempo. No início foi meio confuso, pois temos outras matérias e professores diferentes.

As atividades que tenho mais lembranças são aquelas de trabalhos em grupo, das peças e paródias construídas, das aulas nos laboratórios de informática, das aulas de educação física, e de como eu não gostava de fazer atividade física e era ruim em praticamente todos os jogos que o professor ensinava na aula. Lembro-me da dificuldade com matemática, e que essa dificuldade era de 80% da turma. O que me faz pensar na formação de professores de matemática e sua metodologia para ensinar os conteúdos, já que a maioria das reclamações, na época, eram a falta de compreensão dos conteúdos que estavam sendo ensinados.

Concernente à problemática da didática no ensino, Martins, Dias e Silva (2016) afirmam:

Logo entende-se que o papel fundamental de aplicar e proceder com a didática é do professor. E para isso acontecer de forma satisfatória, ele deve estar inteirado com o conteúdo e disciplinas, e também, disposto a trabalhar e se adaptar as novas gerações que o procedem. Essas novas gerações podem ter exigências diferentes da época do docente, e isso pode atrapalhar no desenvolvimento de seu trabalho. Sempre existirá dogmas a serem, não desconsiderados, mas sim reformados e evoluídos. (MARTINS, DIAS E SILVA, 2016, p. 74)

Está é uma das problemáticas apontadas por esses autores, no entanto destacam também o currículo dos cursos de formação de professores. Afirmando a existência de lacunas na formação desses profissionais.

Voltando as memórias do fundamental II, durante esse período adquiri o gosto pela leitura de poemas e poesias. A leitura predileta era a do poema “Não te amo mais/ Clarice Lispector”. Mas também gostava muito de Carlos Drummond de Andrade.

Uma das coisas que marcaram a chegada ao 9º ano foi a mudança de Estado. Eu não queria mais mudar, pois teria que deixar os meus amigos e ficar longe dos meus avós e das minhas primas, mas mesmo expondo as minhas questões para os meus pais, eles decidiram se mudar para a cidade de Saloá, no estado de Pernambuco. Na época meu pai conseguia ter mais lucro com as vendas nessa região e para ele não era uma opção me deixar com os meus avós, pois dizia que tínhamos que ficar juntos.

Chegando lá, vi muita diferença na organização da escola. A diretora organizava filas enormes para a entrada na instituição, e na escola anterior só nos organizávamos assim quando era uma data comemorativa, por exemplo: dia da bandeira, dia da independência e/ou dia cívico.

As salas se localizavam ao redor de um enorme pátio aberto. A minha irmã mais velha estudava em outra escola, pois já estava no ensino médio. As lembranças são: das amizades, que ainda tenho contato através das redes sociais e, de um professor de matemática, que gostei bastante e não tive muita dificuldade com a matéria.

Nessa escola a direção parecia um pouco distante. O contato com os alunos era bem reduzido. Às vezes, quando acontecia alguma confusão a diretora aparecia, mas com relação às outras instituições que passei, onde os alunos conversavam e encontravam os gestores no pátio, na hora do intervalo, essa gestão me pareceu bem diferente.

Para um bom funcionamento escolar, uma boa gestão, que conhece o seu público, que dialoga com ele é de fundamental importância. Conforme ressalta Vieira (2022),

(...) O papel da gestão educacional de qualidade engloba princípios fundamentais para o bom desempenho dos alunos e da instituição como um todo. Em resumo, além de romper barreiras burocráticas, o gestor deve ser capaz de exercer um papel ímpar junto à comunidade escolar, objetivando, dentre outros, o aperfeiçoamento dos métodos de ensino-aprendizagem (VIEIRA, 2022, p. 1).

4. Ensino médio

O ensino médio foi cursado, na maior parte, em uma escola estadual integral em Saloá- PE. Durante esse tempo fiz várias amizades e apesar de muitos não gostarem do ensino integral, eu gostava. Tínhamos aulas e atividades durante boa parte do dia, mas também acontecia de termos horários vagos.

A instituição comportava vestiários masculino e feminino, laboratório de matemática e de química, mas que ainda estavam sendo montados, além de um refeitório e auditório, onde tínhamos apresentação de teatro e cinema, e uma quadra coberta para as aulas de educação física. Uma das aulas que eu mais gostava era a de robótica, nessas aulas o professor de física nos ensinava a montar e programar os robôs.

A escola costumava entregar kits escolares com mochila, cadernos, lápis e uniformes da instituição. Além disso, todos os alunos ganhavam um notebook. Podíamos ficar com ele em casa, mas todos os pais assinavam um contrato com os acordos para receber o aparelho. Os computadores eram registrados no sistema, e em caso de roubo ou evasão do aluno, os diretores entravam em contato para bloquear o aparelho. Após a conclusão do ensino médio o aparelho era desbloqueado e dado para o aluno, sendo uma estratégia para garantir a permanência dos estudantes.

Refletindo sobre isso, percebo que a frequência de evasão na instituição, da mesma cidade, do ensino fundamental II, na época era bem maior que o da escola de referência do ensino médio. Porém, acredito que não só por conta da estratégia citada aqui, mas também por conseguir estabelecer um vínculo mais forte com seus alunos, e relação mais próxima com os professores, já que

passávamos o dia todo na instituição. vale ressaltar que existia, na época, a opção de estudar a noite, para aqueles que trabalhavam.

Sobre a evasão escolar, destaca-se:

Vários estudos têm apontado aspectos sociais considerados como determinantes da evasão escolar, dentre eles, a desestruturação familiar, as políticas de governo, o desemprego, a desnutrição, a escola e a própria criança, sem que, com isto, eximam a responsabilidade da escola no processo de exclusão das crianças do sistema educacional (Queiroz, 2006, p.1).

Nessa perspectiva os autores pontuam os mecanismos educacionais que muitas das vezes acabam por excluir.

Dando continuidade, sobre o ensino médio. Esse projeto, no estado de Pernambuco, aconteceu durante o governo de Eduardo Campos. O apoio das cidades, bem como dos estudantes das escolas de referência para as eleições de Eduardo Campos era muito forte, devido a uma série de projetos que ele desenvolvia no Estado. Na época, os alunos da instituição, majoritariamente apoiavam sua candidatura a presidente. A morte de Eduardo Campos em 13 de agosto de 2014 deixou a escola e as cidades de luto. Na instituição fizemos homenagens ao seu trabalho, que era muito bem comentado e que estava dando certo.

Vale destacar, que do lado da escola EREM (Escola de Referência em Ensino Médio) onde eu estudava, estava sendo finalizada a construção de uma escola infantil, planejada com ambientes pensados para receber as crianças. Era uma estrutura bem grande, como a do EREM. Atualmente não sei como está o funcionamento dessas instituições.

No segundo ano do ensino médio, passei a estudar a noite, pois durante o dia comecei a fazer um curso de informática básica no SENAI. Para fazer o curso, eu me deslocava para a cidade de Garanhuns-PE. Chegava em Saloá às 18 horas, passava em casa e ia para a escola. Esse curso de informática foi ofertado gratuitamente, porém o tempo de formação foi reduzido, o que causou alguns prejuízos, pois os conteúdos do curso foram bem resumidos.

No ano de 2015, meus pais decidiram retornar a cidade em que morávamos. Então a minha conclusão do ensino médio foi na cidade de Macambira-SE. No início foi bem difícil, pois eu já tinha várias amizades e ir embora me causou muitas tristezas.

Voltei a estudar na escola que cursei o ensino fundamental II. Alguns professores já eram conhecidos e não foi tão difícil me enturmar novamente. Mas, a mudança de cidade me desmotivou, e mesmo conseguindo manter as minhas notas, minha dedicação e empenho não eram os mesmos.

Uma atividade bem legal, que marcou a minha história no 3º ano do ensino médio foi um trabalho proposto pelo professor de história. Meu grupo decidiu fazer o trabalho em um acampamento do grupo Sem Terra, que ficava próximo da nossa cidade. Nós elaboramos um questionário para saber as condições de vida da população e conhecer um pouco mais sobre a história do MST. Para chegar até o acampamento foram utilizadas 4 motos dos componentes do grupo. Foi um trabalho bem rico, pois conseguimos conversar com muitas pessoas. Passamos a tarde com eles e escutamos várias histórias de vida. Procuramos observar como o município estava trabalhando com eles, se existia o acesso à saúde, educação e se o saneamento básico já chegava no local.

O acampamento era feito de casas de madeira, lonas e palhas. Não tinha saneamento básico, as pessoas se deslocavam para pegar água em poços e fontes mais próximas. A água para beber era retirada dos postos de água da prefeitura: grandes caixas localizadas no interior, destinada à população da região onde a água demorava semanas para chegar.

5. Ensino superior

Em 2016 passei a fazer um curso preparatório para o Enem em uma cidade da região chamada Itabaiana- SE. O curso era ofertado, pelo governo do estado, em uma escola estadual. As aulas começaram no início do ano e terminavam um pouco antes do dia da prova.

Em 2017, decidi vir para Minas Gerais para a casa dos meus tios em Itabirito. A princípio com o objetivo de passear, mas tendo em mente que, se eu gostasse e aparecessem oportunidades, eu poderia escolher ficar na cidade, já que na região em que eu morava era muito difícil conseguir emprego. No dia 25 de janeiro de 2017 eu cheguei ao município e depois de algumas semanas percebi que estava gostando bastante do lugar.

Depois de um período, em uma conversa com a minha prima que já, morava em Itabirito-MG, ela me perguntou sobre o Enem e me falou da Universidade Federal de Ouro Preto. Após esse diálogo começamos a olhar e acabei me inscrevendo para o curso de Pedagogia. Logo depois recebi o resultado, fui aprovada. Nesse momento foi muito choro e muita alegria, pois era o meu sonho entrar na universidade e finalmente eu tinha conseguido.

Durante o período de espera para o início das aulas, eu fiz um processo seletivo da prefeitura de Itabirito que buscava estagiários de pedagogia e psicologia, para trabalhar nas escolas com crianças com necessidades especiais. Comecei as aulas na universidade e ao mesmo tempo tinha conseguido um emprego. Foi um momento muito feliz, pois o que eu mais queria estava se realizando.

Durante o período de matrícula comecei a ter muitos problemas, pois fiquei sabendo de uma lei da prefeitura que me impedia de utilizar o transporte público para chegar até a universidade. A partir desse momento as coisas começaram a se complicar, pois segundo determinações legais das secretarias de educação e do transporte, é preciso ter de 4 a 5 anos morando na cidade para garantir o direito à utilizar o transporte.

Quando as aulas na universidade começaram e eu não consegui nenhum transporte, comecei a chorar e os meus tios resolveram me ajudar e traçaram um percurso para eu poder chegar até a universidade e voltar para casa.

Todos os dias eu pegava o ônibus da Pássaro Verde até Cachoeira do Campo- MG e de lá, pegava uma van para chegar até o ICHS na cidade de Mariana- MG. Para chegar em casa, todas as noites o meu tio saía de Itabirito para Cachoeira para esperar a minha chegada e me levar para casa. Fiz esse

percurso durante um tempo, e depois de uma conversa com os meus tios, tive que trancar o próximo período.

Depois de ficar um tempo sem retornar à universidade, através de muita insistência, de pessoas que passaram a conhecer a minha história e, depois de muitas discussões com o pessoal da prefeitura, eu consegui o transporte. Foi um momento muito feliz, pois senti, naquele instante, que nada poderia me impedir de chegar até a universidade e, que eu não teria mais problemas com o transporte.

Durante esse percurso na universidade tive algumas perdas. Perdas mais dolorosas pela distância e pela impossibilidade de estar com a minha família nos momentos de tristeza, mas também tive muitos momentos prazerosos.

5.1. Curso de licenciatura em pedagogia: algumas experiências e estágios

O curso de pedagogia me possibilitou a vivência em diversos espaços educacionais. Na escola Municipal, atuando como estagiária pude ter contato com o trabalho com crianças com necessidade especiais e realizar diversos projetos com os professores. Foram momentos enriquecedores para a minha formação.

A discussão da inclusão está ganhando força tanto no meio acadêmico como dentro das próprias instituições de ensino. Dentro das instituições existe a discussão sobre como a inclusão é feita. A crítica se concentra no discurso de professores, pois em muitas das vezes as instituições acabam por excluir esses alunos. Esta exclusão pode acontecer por falta de espaço adequado, deficiência na formação dos professores e problemas com a qualidade das formações continuadas ofertadas. Outro fato a ser destacado é o superlotamento das salas. Em situações como essa o profissional acaba tendo dificuldades para acompanhar aqueles que precisam de intervenções pedagógicas específicas.

É importante pontuar o currículo como parte contribuinte para a exclusão dos alunos com necessidades educacionais especiais. Madureira e Leite afirmam:

Na perspectiva inclusiva, as dificuldades são agora entendidas como decorrendo de limitações existentes no currículo (planejado ou não) oferecido a todos os alunos e, nessa medida, implicam que a escola desenvolva processos de inovação e mudança curricular que respondam com eficácia a todos os alunos que a frequentam. (MADUREIRA E LEITE, P. 34).

É necessário entender que os desafios postos não podem se tornar barreiras que justifiquem o ato de desistir da inclusão. É preciso uma reflexão que reverbera em mudanças. Tendo em mente os diferentes contextos das instituições. Frente as problemáticas que envolvem a inclusão, considera-se a contribuição de Madureira e Leite (2003) pois, as autoras abordam a pedagogia centrada na criança: que trata com naturalidade as diferenças existentes entre os sujeitos e que essas diferenças estão presentes na forma como os sujeitos aprendem. Um ponto destacado por elas diz respeito ao vislumbre de uma instituição que não esteja centrando sua visão nas dificuldades dos alunos, mas em uma escola que adote a valorização dos contextos culturais e estruturais que fazem parte do processo de ensino e aprendizagem. (MADUREIRA E LEITE, P. 35).

Retomando o percurso educacional proposto neste trabalho, no ICHS (Instituto de Ciências Humanas e Sociais) também tive várias disciplinas que me levaram a pensar sobre o processo educativo e muitos momentos prazerosos de consolidação do saber. Disciplinas como: Política Educacional, Psicologia da Educação, História da Educação, Educação de Jovens e Adultos, Introdução à Educação e Geografia, que assim como muitas outras me deixaram bem motivada para pensar as diversidades, a construção dos sujeitos e as múltiplas possibilidades de ensino.

No início, uma das disciplinas que mais gostei foi Política Educacional. Além de estudarmos sobre a LDB, vimos outras leis que regulamentam a ação pedagógica do professor. O debate sobre a reforma do ensino médio foi de suma importância para perceber as disputas de poder que envolveram a formação desse documento, e olhando para o passado, onde os que tinham acesso à educação eram, na época, os considerados cidadãos de bens, ou seja, aqueles mais abastados, pode-se perceber as implicações que estão envolvidas na reforma, numa perspectiva hegemônica. Os menos abastados destinam-se ao

trabalho braçal/técnico, aos mais abastados o conhecimento da ciência e da filosofia. Também estudamos diferentes concepções de governo e de sociedade, como o de Thomas Hobbes, Max Weber e Karl Marx, dentre outros, que contribuíram, com diversas obras, para pensarmos sobre as políticas que regem a sociedade.

Posteriormente, meu interesse foi mudando. Passei a gostar mais de Psicologia Educacional. Alguns dos autores que estudei na época foram Piaget e Lev Vygotsky. Estes chamaram bastante atenção por centrar as suas discussões nas fases de desenvolvimento da criança, e também como ela se desenvolve intelectualmente através das interações sociais. Os debates em sala mostraram que, se o professor consegue identificar a fase em que o seu aluno se encontra, seja ela, “sensório motor, pré-operacional, operacional concreto e operações formais” Piaget (1999), ele consegue entender a diversidade existente em sala de aula e essa percepção norteará a sua prática.

Retornando o resgate da trajetória, no ano de 2018, passei a trabalhar no CMEI (Centro Municipal de Educação Infantil). Até hoje estou trabalhando com a educação infantil, de 0 a 5 anos. Tem sido um ambiente muito rico que tem contribuído para pensar na minha formação e área que desejo seguir. São vários projetos desenvolvidos com as crianças, onde auxílio às professoras não só no cuidar, mas também nos seus desdobramentos, dando ideias e sugestões, e desenvolvendo atividades.

Durante o período de estágio tive experiências humanizadoras enquanto profissional. No estágio em espaços não escolares, consegui acompanhar as psicopedagogas do CAPS adulto e infantil. Neste, tive contato com crianças com diversos problemas de aprendizado provocados por adoecimento mental. Presenciei momentos bons e ruins.

No CAPS infantojuvenil tinha um adolescente esquizofrênico que acabou nos prendendo em uma sala e posteriormente tentou me atacar. Também tive muitos momentos bons: um deles foi no CAPS adulto, pois através do contato com diversas histórias, pude ver equipes bem preparadas para trabalhar com o público, e como os profissionais dos dois CAPS se apoiavam no desenvolvimento das atividades.

Participei de um bingo no CAPS adulto. Onde aqueles rostos, muitas das vezes tristes, ficaram alegres por estarem no meio da comunidade, na feira municipal, sendo presenteados. Outro momento que marcou foi ir com o CAPS até a UFMG, em Belo Horizonte, onde foi possível vivenciar momentos de formação. Achei uma proposta muito bacana, pois todos foram levados para uma semana de palestras sobre adoecimento mental na universidade. Outro evento do CAPS que chamou a atenção foi o jogo de futebol, que aconteceu entre os CAPS da região de Itabirito, Mariana e Ouro Preto. As equipes dos dois CAPS se juntaram e montaram uma banda e torcida organizada. A Coordenadora do CAPS infanto-juvenil vestiu a camisa e jogou junto, tocou na banda e comemorou cada gol do seu time.

O que ficou das experiências vivenciadas foram exemplos de gestores e profissionais a serem seguidos. Que desenvolvem trabalhos produtivos e bem articulados. Mas ficou também um desânimo ao saber que após a troca de prefeito, as profissionais foram retiradas de seus cargos. Era um trabalho incrível, e a mudança da equipe causou algumas perdas para os que frequentam e utilizam os serviços dos CAPS. Estas afirmativas não dizem respeito a um posicionamento político partidário, mas sim ao pesar de ver o desmonte de uma equipe bem articulada.

Apesar das dificuldades em conseguir estagiar, são momentos enriquecedores para a minha formação. Assim como na universidade, temos a oportunidade de vivenciar práticas e ter contato com profissionais incríveis. Uma das coisas que mais me incomodam é o fato de não poder participar de nenhum projeto, pois eu trabalho, e como estou longe da minha família não posso me tornar dependente de outros para me dedicar mais a minha formação. Mas também, como estou inserida na rede de educação do município, consigo participar de diversas atividades que de certa forma supriram lacunas na formação.

6. Um relato a parte

Atualmente a área que desejo dar continuidade em minha formação são as que tratam da inclusão, das necessidades educacionais especiais. Essa escolha, em partes, foi devido ao contato com este público, mas o que me fez tomar essa decisão como definitiva, foram uma série de acontecimentos.

No início do ano de 2022, na escola municipal onde trabalho, fui direcionada a ser monitora de uma criança que ainda não tinha laudo e que atualmente, seu laudo é inconclusivo. Quando eu comecei a trabalhar com ele, tínhamos o seguinte quadro: uma criança com 5 anos de idade que não interagia com os colegas, não comia e apresentava falta de auto cuidado. Esta criança não ficava dentro da sala, ou quando entrava derrubava mesas e cadeiras, desferindo chutes, jogava as mochilas e acabava se mordendo até sair sangue. Além disso, costumava fazer suas necessidades fisiológicas na roupa ou na frente de todos e em lugares inadequados. Não frequentava o banheiro e apresentava muita resistência à palavra “não”, onde situações como essas acabam desencadeando uma crise.

No início foi bem difícil, eu ficava muito esgotada, pelo estresse das situações que aconteciam no dia a dia, mas ao mesmo tempo, restava aquele sentimento de que eu não podia ser mais uma a desistir desta criança.

Em pouco tempo, todos estavam percebendo o resultado e a mudança foi um ganho. A cada conquista eu vibrava e as pessoas ao meu redor percebiam a minha felicidade. Lembro de conseguir fazer ele comer através de um suco de laranja, que eu consegui que ele provasse. Para minha sorte ele gostou do suco e então todas as vezes que chegava a comida e ele rejeitava eu o lembrava do suco de laranja, que ele provou e gostou, e assim eu conseguia fazer ele provar outros alimentos.

Como ele não ficava na sala, passei a fazer as atividades com ele no pátio. Tive que usar outras estratégias já que ele estava sempre em movimento. Passei a ensinar as letras do alfabeto e os números através da brincadeira, de jogos, com giz desenhado no chão, entre outras estratégias. Em pouco tempo, todos

perceberam que ele era muito inteligente, que estava bem à frente da sua turma. Desse momento em diante foram várias conquistas.

A relação dele com os colegas melhorou. Passou a interagir mais, aprendeu a ir ao banheiro, não fazer as necessidades na roupa e parou de se machucar, o que foi um alívio pois eu ficava muito triste todas as vezes que acontecia. Foram muitas conversas, muitos combinados. Hoje ele ainda está na instituição, e todos comentam como parece ser outra criança. Está bem à frente de sua turma, é um gênio com os números. Lê e escreve números que se encontram na casa do milhão, sabe somar e subtrair, faz contas de cabeça, reconhece letras minúsculas e maiúsculas, apresenta altas habilidades com outros idiomas e encontra-se no segundo período da educação infantil.

Esta semana ele me surpreendeu. Estava fazendo uma atividade onde eu o acompanhava. Insistentemente ele me pedia uma folha em branco e eu estava querendo que ele terminasse a atividade que a professora passou. Por um instante eu parei e pensei que ele estava querendo me mostrar alguma coisa, então dei a folha. Ele logo começou a desenhar algumas coisas, que para mim não faziam sentido. Quando terminou, mostrou a folha e disse que era o alfabeto Russo. Fiquei pensativa e fui fazer uma pesquisa rápida na internet, e lá estava, para minha surpresa. Imediatamente apontei as letras que ele escreveu e perguntei que letras eram, ele respondia falando as letras em russo.

Hoje, os comportamentos que apresentava antes já não acontecem. Ele participa das aulas e permanece na sala com a professora. Percebi que ele me ensinou muito mais do que eu poderia ter ensinado. Mostrou que é possível aprender brincando, e que quando lemos teorias, que afirmam que é necessário partir do interesse da criança para alcançá-la, funciona de verdade e os resultados são extraordinários.

7. Conclusão

A trajetória educacional é um percurso longo carregado de muitas memórias e vivências que são de suma importância para a formação dos sujeitos. As múltiplas experiências que o espaço escolar proporciona e as

implicações de convívio nos fazem refletir acerca das muitas deficiências da instituição. Mas também provoca uma reflexão sobre a vida e a realidade do presente momento nos quais os acontecimentos estão inseridos.

Memórias são carregadas para o resto da vida, mas memórias também são perdidas, esquecidas. Memórias são reais, mas também são carregadas de sentimentos e impressões da realidade. Elas carregam traumas e momentos felizes. Instantes e ações que fazem parte de nós, e de nossa formação enquanto sujeitos. Somos, em parte, nossas memórias. Sem elas perdemos o norte, e navegamos sem rumo.

Resgatar tempos vivenciados diz mais sobre uma reflexão das suas próprias implicações pessoais. O resgate das memórias abre feridas, mas também possibilita a cura de muitas dores guardadas, que foram carregadas durante a vida.

Resgatar memórias da infância, sobretudo no aspecto educacional, nos leva a refletir sobre o nosso próprio processo de aprendizagem. E vemos quantas barreiras derrubamos para conseguir a consolidação dos saberes. E fazer esse percurso de busca das lembranças na trajetória escolar pode de fato contribuir para pensar o tipo de profissional que se quer ser.

Através de reflexões pessoais posso dizer que em vários momentos avancei e voltei ao mesmo ponto no qual eu estava anteriormente. Superei obstáculos, traumas e perdas e continuei avançando.

Nesse sentido, posso falar que este trabalho conta o início do nascimento de um sonho educacional, de produção do saber e de sede de conhecer, vivenciar e experimentar coisas novas. Mas posso afirmar que essa investigação sobre a trajetória pessoal também fala sobre sonhos realizados, possibilitados pela educação transformadora que Paulo Freire nos apresenta.

Referências

IBGE- Instituto brasileiro de geografia e estatística. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/se/macambira.html>. Acesso em: 07 de mar. 2023.

MADUREIRA, Isabel Pizarro e LEITE, Teresa Santos. Necessidades Educativas Especiais. Disponível em: [NECESSIDADES-EDUCATIVAS- ESPECIAIS- Universidade-Aberta.pdf](#) (researchgate.net). Acesso em: 08 de Mar, 2023.

MARTINS, C. A. B.; DIAS, R. F. N. C.; SILVA, E. P. A importância da didática na prática educativa e na formação docente. **Revista Triângulo**, Uberaba - MG, v. 9, n. 1, 2016. DOI: 10.18554/rt.v9i1.1724. Disponível em: <https://seer.uftm.edu.br/revistaelectronica/index.php/revistatriangulo/article/view/1724>. Acesso em: 4 mar. 2023.

MELLO, Tágides; RUBIO, J. D. A. S. A importância da afetividade na relação professor/aluno no processo de ensino/aprendizagem na educação infantil. Disponível em: **Revista Eletrônica Saberes da Educação**, v. 4, n. 1, p. 1-11, 2013. Acesso em: 04 de mar, 2023.

OLIVEIRA, D. R.; MIGUEL, Ana Silvia Bergantini. A nova concepção de creche pós-LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional-Lei nº 9.394/96). Disponível em: **Revista Fafibe**, v. 5, n. 5, 2012. Acesso em: 04 de mar, 2023.

QUEIROZ, Lucileide Domingos. Um estudo sobre a evasão escolar: para se pensar na inclusão escolar. Disponível: **Rev Bras Estudos Pedag**, v. 64, n. 147, p. 38-69, 200. Acesso em: 04 de mar. 2023.

REIS, Ana Cecília Antunes dos. A importância da educação infantil para o processo de formação humana. 2022. Disponível em: <https://repositorio.pucgoias.edu.br/jspui/handle/123456789/4439>. Acesso em: 04 de mar, 2023.

SILVA . Sousa da, M. G & de Oliveira Cabral, C. L. (2015). A narrativa como opção metodológica de pesquisa e formação de professores. **Horizontes**, 33(2). <https://doi.org/10.24933/horizontes.v33i2.149>. Acesso em: 01 de mar, 2023.

VIEIRA, Bráulio. O papel da gestão educacional de qualidade frente aos desafios escolares. **Rubeus**, 2022. Disponível em: <https://rubeus.com.br/blog/o-papel-da-gestao-educacional/>. Acesso em: 04 de mar. de 2023.